

A Arquitectura é Arte ou não é Arquitectura. Sendo serviço social, concretiza-se plenamente quando, cumprindo-o, dele se desprende até à liberdade, transformando o circunstancial em intemporal e polivalente. A Arquitectura, arte colectiva, é inimiga da arrogância e da falta de ambição, do elogio da auto-castração (em nome da suposta limitação do Outro), da inversão da arrogância, das supostas razões sociais da mediocridade. O desejo colectivo manifesta-se em cada pedra e em cada poro e revelá-lo é a única forma de não ser elitista. A perseguição do sublime identifica-se com a função social do Arquitecto, porque o desejo do sublime não é invenção do Arquitecto. A Arquitectura significa compromisso transformado em expressão radical, isto é, capacidade de absorver o oposto e de ultrapassar a contradição. Aprender isso exige um ensino à procura do Outro dentro de cada um. Compete ao arquitecto atender a tudo o que revela a natureza humana: procura de estabilidade, mas também desejo, exigência, revolta, Ensaiar e poder corrigir sem limite. Uma proposta arquitectónica que tenha como objectivo aprofundar os conflitos e as tensões que configuram a realidade, as tendências de transformação latentes; uma proposta que pretenda representar algo mais do que uma materialização passiva, rejeitando a simplificação dessa realidade, analisando todos os seus aspectos, um a um – uma proposta desse tipo não pode encontrar apoio numa imagem fixa, nem seguir uma evolução linear. Partindo de fragmentos isolados procuramos o procuramos o espaço que os conforma. Alguns equívocos existem quanto ao tema “integração”. Não poucas vezes, a ideia de bondade contextual está ligada à cidade histórica: diálogo imediato, directo, dentro de um tecido compacto e de estilos. Essa ideia não contempla situações de periferia; ou melhor, de recente nascimento de urbanidade. A qualidade do edifício, no que se refere à inserção na cidade, deve-se, antes de mais, ao assumir da sua autonomia enquanto objecto singular, Nenhuma casa permanece isolada, ainda que o queira. No mundo não há desertos nem coisas distantes. O esgoto da minha casa percorre o mundo inteiro e transforma-se juntamente com o dos outros. Não sendo por inteiro a prática, é vocação do homem transformar em solidariedade o instinto de sobrevivência, em possibilidade de vida o sofrimento, em ânsia de descoberta o conformismo, em ordem a desordem: em beleza. Para os arquitectos e para a Arquitectura, compreensão, tolerância e solidariedade, estão na origem da criação; explicam-na, constituem inspiração primeira na procura da Beleza – utilidade última da Arquitectura. O conceito do belo tem sido função do balanço entre continuidade e ruptura, por mais que esta por instantes o oculte. Por isso o conceito do belo está e estará sempre em crise. A recusa de um belo consensual é o patamar da beleza autêntica (muito do que aparece no imediato como não belo ou rude). Estou convicto de que daqui a muitos anos, quando já não o pudermos anotar, muita coisa hoje celebrada estará coberta de pó, irrelevante ou materialmente destruída pelo tempo. A minha preocupação principal em desenhar, suponhamos, uma cadeira é a de que pareça uma cadeira. É a primeira questão. Hoje desenham-se muitas cadeiras que parecem outra coisa. A necessidade de originalidade e diferença conduz quase sempre a abandonar a essência de um determinado objecto. A Arquitectura não permite e não aceita o improvisado, a ideia imediata e directamente transposta. A Arquitectura é revelação de desejo colectivo nebulosamente latente. Isso não se pode ensinar, mas é possível aprender a desejá-lo. Por isso, Arquitectura é risco e o risco procura o desejo impessoal e o anonimato, a partir da fusão de subjectividade e objectividade. Em última análise, em progressivo distanciamento do Eu. Não há inovação. Há o reencontrar da inocência, uma conquista do Estado de Graça, para que se não perca a Memória. O exterior não agride; torna-se arquitectura anónima e uma espécie de banalidade. Esta palavra, *banalidade*, tem um significado ambíguo. Neste caso utilizo-a não para dizer sem *interesse*, sem *qualidade*, mas sim no sentido da *disponibilidade na continuidade*. O que a razão produz pode tornar-se monstruoso. Tudo deverá surgir inevitavelmente evidente. Quem melhor vive não nota nada. Nem é preciso. Não é necessário destruir para transformar. Para a transformar, é necessário e indispensável não destruir a cidade. Sem essa redescoberta, que periferia poderemos encontrar, e que centros a poderão legitimar? Nenhum esforço de renovação é hoje apenas local. Em vez de ser função duma soma de opiniões, o resultado do seu trabalho será uma síntese de todos os contributos, depois de escrupulosamente discutida e verificada a justeza de cada um. Daí a desilusão de alguns, quando não vêem totalmente materializada a sua particular visão dos problemas. Desilusão que pode levar ao malogro a mais bem intencionada iniciativa. O abraço a um operário ante a suposta imperfeição de uma parede. Numa das minhas muitas visitas de inspecção, ouvi alguém que passava na rua comparar o edifício da Cooperativa de Lordelo a um depósito de água. Num país onde praticamente não existe a crítica de arquitectura, este processo de apreciação traduz, pelo menos, o interesse instintivo de cada um pelo espaço onde vive. Simplesmente, apreciar uma construção habitável pelo aspecto exterior é como saborear uma maçã pela cor da pele. O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder. O desenho persegue-o. Mas o projecto é um personagem com muitos autores, e faz-se inteligente apenas quando assim é assumido, é obsessivo e impertinente em caso contrário. O desenho é o desejo de inteligência. Falando em termos gerais, quem escolhe fazer arquitectura não precisa de “saber desenhar”, muito menos de “desenhar bem”. O desenho, entendido como linguagem autónoma, não é indispensável ao projecto. Muita e boa arquitectura se fez e se faz “à bengala”. Só que toda a gente pode e precisa de desenhar. Picasso dizia que necessitava de dez anos para aprender a desenhar como uma criança. Estes últimos dez anos parecem hoje ausentes da aprendizagem da Arquitectura. O desenho é a linguagem e a memória, a forma de comunicar consigo e com os outros, a construção. Não desenha por exigência da Arquitectura (basta pensar, imaginar). Desenha por prazer necessidade e vício. Outros por ele desenhem o que imagina, para que outros que o desejam vagamente possam realizar o que imagina. Desenhos técnicos. Desenhos de máquinas. Desenhos sem estética, a não ser a latente no que é necessário e suficiente para resistir e garantir a vida material, o da energia, das comunicações, da beleza. A minha ignorância era igual à minha vontade de aprender. A influência do desenho não é proporcional ao desejo de protagonismo. O desenho é o desejo de inteligência. A aquisição de conhecimentos – sempre são provisórios e insuficientes os conhecimentos – exige sobretudo a aprendizagem da capacidade de interrogar, de contínua abertura e espírito crítico, o oposto a Cartilha ou Sebenta ou Bíblia. A composição do corpo docente deve ser organizada em consonância com o referido, ultrapassando conceitos de carreira e hierarquia (ou a eles não se limitando). Uma Escola tem de ter meios para alimentar essa vitalidade e flexibilidade. E não aponto um caminho claro. Os caminhos não são claros. Em minha opinião, a Faculdade de Arquitectura encontra-se entre parêntesis. A actuação da Faculdade face a um relativamente inesperado sucesso – sem dúvida conquistado de dentro –, face a uma imagem respeitável (coisa nova e também respeitável), oscila entre o auto-convencimento embaraçado e a demagógica auto-crítica (ou melhor, a crítica de cada um ao “outro”). A Faculdade recebe unitariamente, embora de forma ambígua, o aplauso e o reconhecimento; divide-se nos momentos de necessária reflexão e acção. Há uma clara demarcação de cada um, um incontido mal-estar na luta pela(s) sobrevivência(s). Importante, aparentemente e colectivamente, é não pôr em causa aquela imagem de instituição bem comportada, aceite – não sem reservas – por uma Universidade onde se cruzam conformismos e preconceitos. Uma boa parte do comportamento recente reflecte a passividade necessária à limpidez daquela imagem. Não existe contestação que não percorra os caminhos de um elitismo politicamente distante. O prestígio renova-se pelo improvisado, a ausência de fantasmas transforma-se em fantasma, a facilidade conduz a dificuldades, e vice-versa, o realismo ao elitismo e a contestação ao conformismo. O contacto com o exterior, não chega para ultrapassar o clima paroquial predominante, o fosso existente entre eleitos e não-eleitos. A acção dos estudantes, única constante sólida, porque ultrapassa o tempo, na contínua corrente das gerações, manifesta-se agora pela marginalidade, não contaminando a instituição. A jovem geração de arquitectos Portugueses está mais livre de inibições e contradições (inovação ou tradição, internacionalismo ou regionalismo) do que as gerações imediatamente anteriores. Digamos que a Faculdade se encontra entre parêntesis, no conforto do prestígio conquistado. Tomado como método, o que é movimento degenera em cómodo alibi, moderador alienante, renitente a mergulhar o desejo – o nosso e o de outros. Preguiçoso, mas em desassossego,